

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0159/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 15/06/2025

Ataques israelenses ao Irão violam direito internacional, diz Príncipe herdeiro saudita a Pezeshkian



O Príncipe herdeiro do Reino da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman, e o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian.

O Príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman, expressou a condenação do Reino aos ataques israelenses ao Irão em um telefonema com o presidente Masoud Pezeshkian no passado sábado. Os ataques minam a soberania e a segurança do Irão e constituem uma violação das leis e normas internacionais, disse o Príncipe herdeiro à Agência de Imprensa Saudita. O Príncipe herdeiro disse que os ataques israelenses interromperam o diálogo em andamento para resolver a crise em torno do programa nuclear do Irão e dificultaram os esforços para diminuir a escalada e alcançar soluções diplomáticas. Ele enfatizou a

rejeição do Reino ao uso da força para resolver disputas e a necessidade de adoptar o diálogo como base para resolver as diferenças. Israel lançou na passada sexta-feira um ataque sem precedentes contra o Irão, matando altos comandantes do Exército, cientistas nucleares e outros altos funcionários, em lançamentos de mísseis que Teerão disse ter custado 78 vidas.

O Príncipe herdeiro expressou as suas condolências e simpatia a Pezeshkian, ao povo iraniano e às famílias daqueles que morreram nos ataques. Ele rezou para que os feridos se recuperassem rapidamente.

Pezeshkian expressou seus agradecimentos e apreço ao Rei Salman por atender às necessidades dos peregrinos iranianos e facilitar os serviços para eles até o retorno para casa. Mais cedo, o Príncipe Mohammed discutiu as repercussões das operações militares de Israel contra o Irão com o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, durante um telefonema.

O Príncipe Mohammed também conversou com o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan. Os dois líderes revisaram os desenvolvimentos na região após os ataques israelenses ao Irão. **Fonte-Arab News**.

Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita recebe homólogo alemão



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem em Riade seu homólogo alemão, Johann Wadephul.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem em Riade seu homólogo alemão, Johann Wadephul.

Durante a reunião, os funcionários revisaram as relações entre seus países e as formas de fortalecê-las e desenvolvê-las em vários campos. Eles também discutiram desenvolvimentos regionais e internacionais e suas implicações na segurança e estabilidade da região. **Fonte-Arab News**.

Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita e enviado dos EUA à Síria discutem os últimos desenvolvimentos durante telefonema



O ministro saudita das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, durante uma reunião com o enviado especial dos EUA para a Síria, Thomas Barrack, em Riade, em 28 de maio de 2025.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem um telefonema do enviado especial dos EUA para a Síria, Thomas Barrack. Durante a ligação, os dois diplomatas discutiram medidas para apoiar o povo sírio nos níveis humanitário e econômico. Suas conversas também se concentraram nas últimas actualizações regionais e internacionais. **Fonte-Arab News**.

Linha do tempo das tensões e hostilidades entre Israel e o Irão



Os socorristas trabalham em uma área residencial atingida por um míssil disparado do Irão perto de Tel Aviv, Israel.

Israel e o Irão abriram um novo capítulo em sua longa história de conflito quando Israel lançou ataques na manhã da passada sexta-feira que provocaram explosões

na capital iraniana em Teerão. Israel disse que tinha como alvo instalações nucleares e militares, matando os principais cientistas militares e nucleares do Irão. O ataque de Israel ocorre no momento em que as tensões aumentam sobre o rápido avanço do programa nuclear do Irão, que Israel vê como uma ameaça à sua existência. Aqui está uma linha do tempo de alguns eventos significativos nas hostilidades entre os dois países:

Primeiros dias de 1967 - O Irão toma posse de seu Reator de Pesquisa de Teerão sob o programa "Átomos para a Paz" dos Estados Unidos.

1979 — O Xá Mohammad Reza Pahlavi, fatalmente doente, foge do Irão enquanto os protestos populares contra ele aumentam. Pahlavi manteve laços econômicos e de segurança com Israel. O Aiatolá Ruhollah Khomeini retorna a Teerão e a Revolução Islâmica o leva ao poder. Estudantes tomam a embaixada dos Estados Unidos em Teerão, iniciando a crise de reféns de 444 dias. O programa nuclear do Irão fica em pousio sob pressão internacional. A nova teocracia do Irão identifica Israel como um grande inimigo.

Agosto de 2002 - Os serviços de inteligência ocidentais e um grupo de oposição iraniano revelam a instalação secreta de enriquecimento nuclear de Natanz do Irão.

Junho de 2003 - Grã-Bretanha, França e Alemanha envolvem o Irão em negociações nucleares.

Outubro de 2003 — O Irão suspende o enriquecimento de urânio.

Fevereiro de 2006 — O Irão anuncia que reiniciará o enriquecimento de urânio após a eleição do presidente linha-dura Mahmoud Ahmadinejad. Grã-Bretanha, França e Alemanha saem das negociações.

Junho de 2009 - A disputada eleição presidencial do Irão vê Ahmadinejad reeleito, apesar das alegações de fraude, provocando protestos do Movimento Verde e violenta repressão do governo.

Outubro de 2009 - Sob o presidente Barack Obama, os EUA e o Irão abrem um canal secreto para mensagens no sultanato de Omã. O programa nuclear do Irã é o principal alvo.

2010 - O vírus de computador Stuxnet é descoberto e amplamente considerado uma criação conjunta dos EUA e de Israel. O vírus interrompeu e destruiu centrífugas iranianas.

14 de julho de 2015 - As potências mundiais e o Irão anunciam um acordo nuclear abrangente e de longo prazo que limita o enriquecimento de urânio de Teerão em troca do levantamento das sanções econômicas.

2018 - O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu diz que Israel obteve dezenas de milhares de páginas de dados mostrando que o Irão encobriu seu programa nuclear antes de assinar um acordo com as potências mundiais em 2015. Um ex-chefe do Mossad confirma que a informação foi obtida por mais de uma dúzia de agentes não israelenses em Teerão em 2018. O presidente Donald Trump se retira unilateralmente do acordo nuclear do Irão com as potências mundiais.

2020 — Os supostos ataques israelenses contra o programa nuclear do Irão são intensificados significativamente após a desintegração do acordo nuclear de 2015 destinado a impedir o Irão de desenvolver armas nucleares.

Julho de 2020 - Uma misteriosa explosão destrói uma usina de produção de centrífugas na instalação de enriquecimento nuclear de Natanz, no Irão. O Irão culpa Israel pelo ataque.

Novembro de 2020 - Um importante cientista nuclear militar iraniano, Mohsen Fakhrizadeh, é morto por uma metralhadora de controle remoto enquanto viajava em um carro fora de Teerão. Um alto funcionário de segurança iraniano acusa Israel de usar "dispositivos electrônicos" para matar remotamente o SCientist, que fundou o programa nuclear militar do Irão nos anos 2000.

11 de abril de 2021 - Um ataque tem como alvo a instalação nuclear subterrânea do Irão em Natanz. O Irão culpa Israel, que não reivindica a responsabilidade, mas a mídia israelense relata amplamente que o governo orquestrou um ataque cibernético que causou um apagão na instalação.

16 de abril de 2021 - O Irão começa a enriquecer urânio até 60%, sua maior pureza de todos os tempos e um passo técnico dos níveis de 90% para armas.

Junho de 2022 — O Irão acusa Israel de envenenar dois cientistas nucleares em cidades diferentes com três dias de diferença, embora as circunstâncias permaneçam obscuras.

Guerra no Médio Oriente,

7 de outubro de 2023 — Militantes do Hamas da Faixa de Gaza invadem Israel, matando 1.200 pessoas e fazendo 250 reféns, iniciando a guerra mais intensa entre Israel e o Hamas. O Irão, que armou o Hamas, oferece apoio aos militantes.

14 de fevereiro de 2024 — Um ataque de sabotagem israelense causa várias explosões em um gasoduto iraniano que vai da província ocidental de Chaharmahal e Bakhtiari, no Irão, até cidades no Mar Cáspio.

1º de abril de 2024 — Um ataque aéreo israelense destrói o consulado do Irão em Damasco, na Síria, matando 16 pessoas, incluindo dois generais iranianos.

14 de abril de 2024 — O Irão lança um ataque sem precedentes com mísseis e drones contra Israel, disparando mais de 300 mísseis e drones em resposta ao ataque aéreo israelense em Damasco. Trabalhando com uma coalizão internacional liderada pelos EUA, Israel intercepta grande parte do fogo recebido.

19 de abril de 2024 — Um suposto ataque israelense atinge um sistema de defesa aérea perto de um aeroporto em Isfahan, Irão.

31 de julho de 2024 — O líder do Hamas, Ismail Haniyeh, é assassinado por um aparente ataque aéreo israelense durante uma visita a Teerão. Israel prometeu matar Haniyeh e outros líderes do Hamas pelo ataque de 7 de outubro.

27 de setembro de 2024 — Ataque aéreo israelense mata o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah. Formado por membros da Guarda Revolucionária Iraniana que foram ao Líbano em 1982 para lutar contra as forças invasoras israelenses, o Hezbollah foi o primeiro grupo que o Irão apoiou e usou como forma de exportar sua marca de Islão político.

1º de outubro de 2024 — O Irão lança seu segundo ataque directo a Israel, embora uma coalizão liderada pelos EUA e Israel derrubem a maioria dos mísseis.

16 de outubro de 2024 — Israel mata o líder do Hamas, Yahya Sinwar, na Faixa de Gaza.

26 de outubro de 2024 — Israel ataca abertamente o Irão pela primeira vez, atacando sistemas de defesa aérea e locais associados ao seu programa de mísseis.

30 de abril de 2025 — O Irão executa um homem que disse ter trabalhado para a agência de inteligência estrangeira Mossad de Israel e desempenhado um papel no assassinato do coronel da Guarda Revolucionária Hassan Sayyad Khodaei em Teerão em 22 de maio de 2022.

Sexta-feira, 13 de junho de 2025 - Israel lança ataques violentos no coração da estrutura nuclear e militar do Irão, implantando aviões de guerra e drones anteriormente contrabandeados para o país para atacar instalações importantes e matar generais e cientistas de alto escalão.

Sábado, 14 de junho de 2025 - Israel expande seus ataques aéreos para incluir alvos na indústria de energia do Irão, enquanto os ataques de mísseis e drones iranianos continuam em Israel.

Domingo, 15 de junho de 2025 - Israel desencadeia ataques aéreos em todo o Irão pelo terceiro dia e ameaça com uma força ainda maior, já que alguns mísseis iranianos escapam das defesas aéreas israelenses para atacar edifícios no coração do país. Conversas planejadas sobre o programa nuclear do Irão no Sultanato de Omã entre os Estados Unidos e Teerão, que poderia fornecer uma rampa de saída, são canceladas. **Fonte-Arab News**.

Israel encerra todas as embaixadas no mundo e apela a que cidadãos evitem exibir símbolos judaicos em espaços públicos

Na sequência dos ataques de Israel ao Irão na passada madrugada, e da retaliação que se espera, as embaixadas israelitas pelo mundo serão encerradas temporariamente

O Governo de Israel anunciou o encerramento de todas as embaixadas israelitas no mundo e apelou aos seus cidadãos para que se mantenham vigilantes e evitem exibir símbolos judaicos ou israelitas em espaços públicos. O alerta foi publicado na passada sexta-feira em sites oficiais das embaixadas, após Israel ter lançado ataques de grande escala contra o Irão.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros israelita indicou que "devido aos recentes acontecimentos, as missões israelitas em todo o mundo serão encerradas e não serão prestados serviços consulares", segundo a Embaixada de Israel em Lisboa, através da sua página na internet.

Na mesma publicação, a embaixada disponibilizou um formulário para que os cidadãos israelitas no estrangeiro informem sobre a sua localização e estado — um procedimento semelhante ao adoptado após os ataques do Hamas de 7 de outubro de 2023, com o objectivo de coordenar o regresso de reservistas e organizar voos de repatriamento. A embaixada também pediu aos cidadãos fora do país que "contactem imediatamente" o departamento de emergências do ministério em caso de "emergência ou problemas". Além disso, recomendou que evitem publicar "detalhes identificáveis sobre a localização ou planos de viagem nas redes sociais". Foi ainda feito um apelo para que os cidadãos não participem em "grandes reuniões ou eventos associados a Israel ou comunidades judaicas", mantendo sempre "um alto nível de alerta" e cooperando com as forças de segurança locais. **Fonte-Expresso**.

Irão diz que ataque de Israel a instalação de gás no Golfo tenta 'expandir a guerra'



Um homem está dentro de uma sala danificada depois que mísseis disparados do Irão atingiram um prédio residencial em Tamra, Israel.

O ministro das Relações Exteriores do Irão, Abbas Araghchi, disse hoje que o ataque de Israel a uma grande instalação de gás na costa do Golfo buscou "expandir a guerra para além" do Irão. "Arrastar o conflito para a região do Golfo Pérsico é um grande erro estratégico, provavelmente deliberado e destinado a estender a guerra além do território iraniano", disse Araghchi a diplomatas estrangeiros, referindo-se ao ataque à refinaria de South Pars, acrescentando que esse ataque foi "um movimento extremamente perigoso". **Fonte-Reuters**.

Ministro das Relações Exteriores do Irão acusa Conselho de Segurança da ONU de 'indiferença' sobre os ataques de Israel



O ministro das Relações Exteriores do Irão, Abbas Araghchi, acusou o Conselho de Segurança das Nações Unidas de "indiferença" sobre os ataques mortais de Israel à república islâmica.

O ministro das Relações Exteriores do Irão, Abbas Araghchi, criticou hoje o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) , acusando-o de "indiferença" pelos ataques mortais de Israel contra a república islâmica. Em uma reunião com diplomatas estrangeiros transmitida pela TV estatal, Araghchi disse que o ataque israelense "está sendo recebido com indiferença no Conselho

de Segurança", acrescentando que os governos ocidentais "condenaram o Irão em vez de Israel, apesar de ser o lado que foi violado". Araghchi também disse que Teerão tinha evidências para mostrar que as forças dos EUA apoiaram a intensa campanha de bombardeio que Israel lançou contra a república islâmica nesta semana. "Temos provas sólidas do apoio das forças americanas e das bases americanas na região aos ataques das forças militares do regime sionista", disse Araghchi. **Fonte-Reuters**.

Imprensa iraniana afirma que pilotos israelenses foram capturados.

O Exército iraniano afirmou ter derrubado um terceiro caça israelense F-35 desde que os ataques de Israel começaram na passada sexta-feira. A imprensa estatal iraniana, Tehran Times, informou que acredita-se que um piloto tenha sido morto e outro capturado pelas forças iranianas. No entanto, as Forças de Defesa de Israel negaram as alegações, apelidando a notícia de "falsa". "Esta notícia divulgada pela imprensa iraniana é completamente infundada", disse o porta-voz árabe da IDF, coronel Avichay Adraee. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou na passada sexta-feira o lançamento da "Operação Leão Crescente" contra o Irão, em um esforço para deter a ameaça iraniana de armas nucleares a Israel. Netanyahu confirmou que a operação continuará até que a missão seja cumprida. **Fonte-Reuters**.

Houthis do Iêmen atacam Israel com mísseis balísticos em coordenação com o Irão



Moradores se protegem, enquanto uma sirene soa um alerta após um míssil lançado do Iêmen, em Jerusalém, em 13 de junho de 2025.

Os houthis do Iêmen, alinhados ao Irão, disseram hoje que atacaram Jaffa, no centro de Israel, com vários mísseis balísticos nas últimas 24 horas em coordenação com o Irão, enquanto Israel e Irão continuavam seus ataques com mísseis. O grupo tem lançado ataques contra Israel, a maioria dos quais foi interceptada, no que eles dizem ser um apoio aos palestinos em Gaza durante a guerra Israel-Hamas. **Fonte-Reuters**.

Jordânia reabre espaço aéreo após ataques noturnos entre Israel e Irão



Pessoas em frente a uma tela de exibição mostrando informações sobre voos atrasados e cancelados, no Aeroporto Internacional Queen Alia em Amã, Jordânia, em 13 de junho de 2025.

A Jordânia anunciou hoje a reabertura de seu espaço aéreo, após uma noite de ataques dos arqui-inimigos Israel e Irão. A autoridade de aviação civil da Jordânia, que faz fronteira com Israel, disse em um comunicado que o espaço aéreo do país foi reaberto "para voos civis após uma cuidadosa avaliação de risco". O Reino fechou o espaço aéreo na noite de ontem, sábado, seu segundo fechamento desde o início do confronto directo mais intenso entre Israel e Irão. **Fonte-Reuters**.

Fechamento do Estreito de Ormuz está sendo seriamente revisado pelo Irão



O Estreito de Ormuz, que fica entre o Sultanato de Omã e o Irão, é a porta de entrada mais importante do mundo para o transporte de petróleo.

O fechamento do estratégico Estreito de Ormuz está sendo seriamente revisado pelo Irão, citando declarações de um membro da comissão de segurança do parlamento. O general iraniano e membro do parlamento Esmail Kosari disse que o país estava analisando seriamente se fecharia o Estreito de Ormuz, a saída para

o petróleo enviado do Golfo. O Estreito de Ormuz, que fica entre o Sultanato de Omã e o Irão, é a porta de entrada mais importante do mundo para o transporte de petróleo. **Fonte-Reuters**.

Reconheceremos o Estado da Palestina em breve, disse Macron



O presidente francês, Emmanuel Macron, realiza uma colectiva de imprensa no Palácio do Eliseu, em Paris, na passada sexta-feira.

O presidente francês, Emmanuel Macron, prometeu, em declarações à Asharq News à margem de uma reunião com jornalistas e representantes de instituições da sociedade civil palestina e israelense, que seu país reconhecerá o Estado da Palestina em uma próxima conferência que a França organizará com o Reino da Arábia Saudita em Nova York.

Em resposta a uma pergunta sobre se há condições para reconhecer o Estado palestino, Macron disse: "Não há condições. O reconhecimento ocorrerá por meio de um processo que inclui parar a guerra em Gaza, restaurar o acesso humanitário à Faixa de Gaza, libertar reféns israelenses e desarmar o Hamas. Ele enfatizou: "Este é um pacote".

Macron indicou que a França e o Reino da Arábia Saudita concordaram em adiar a conferência da ONU que estão co-organizando, que estava originalmente programada para ocorrer em Nova York na próxima semana. Ele observou que os desenvolvimentos actuais impediram o presidente palestino Mahmoud Abbas de viajar para Nova York.

Macron explicou que conversou várias vezes com o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman na passada sexta-feira e com o presidente palestino

Abbas, e foi acordado "adiar a reunião para uma data em um futuro próximo". Ele também afirmou que o presidente da Indonésia, que actualmente não reconhece oficialmente Israel, prometeu fazê-lo se a França reconhecer o Estado da Palestina. Macron enfatizou "a necessidade de manter essa dinâmica". A Conferência Internacional para a Solução Pacífica da Questão da Palestina, programada para ser realizada em Nova York de 17 a 20 de junho e co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França, delineou em seu documento um compromisso com a "solução de dois Estados" como referência fundamental. O documento define um cronograma para implementação, descreve as obrigações práticas de todas as partes envolvidas e pede o estabelecimento de mecanismos internacionais para garantir a continuidade do processo.

Asharq News obteve uma cópia do documento, que afirma que a implementação da solução de dois estados deve prosseguir independentemente dos desenvolvimentos locais ou regionais. Assegura o pleno reconhecimento de um Estado palestiniano como parte de uma solução política que defenda os direitos das pessoas e responda às suas aspirações de paz e segurança.

O documento destaca que os ataques de 7 de outubro de 2023 e a guerra em Gaza levaram a uma escalada sem precedentes da violência e das vítimas, resultando na crise humanitária mais grave até o momento, destruição generalizada e imenso sofrimento para civis de ambos os lados, incluindo detidos, suas famílias e residentes de Gaza.

Além disso, confirma que as atividades de assentamento representam uma ameaça à solução de dois Estados, que afirma ser o único caminho para alcançar uma paz justa, duradoura e abrangente na região. O documento observa que as actividades de assentamento minam a paz, a segurança e a prosperidade regionais e internacionais.

De acordo com o documento, a conferência visa alterar o curso actual, com base em iniciativas nacionais, regionais e internacionais e adoptando medidas concretas para defender o direito internacional. A conferência também se concentrará no avanço de uma paz justa, duradoura e abrangente que garanta a segurança de todos os povos da região e promova a integração regional. A conferência reafirma o compromisso inabalável da comunidade internacional com uma resolução pacífica da causa palestina e a solução de dois Estados, destacando a necessidade urgente de agir na busca desses objectivos. **Fonte-Reuters**.

O inimigo do meu inimigo pode ser meu inimigo também



YOSSI MEKELBERG

14 de Junho de 2025



Fumaça sobe após um ataque aéreo israelense na Cidade de Gaza.

Nem todo provérbio que parece plausível é necessariamente universalmente verdadeiro, e "o inimigo do meu inimigo é meu amigo", que se acredita ter se originado de um tratado sânscrito indiano, o Arthasastra, que remonta a cerca do século 4 a.C., não é excepção. Em mais de uma ocasião na história, o inimigo do inimigo provou, de facto, ser inimigo também. Lembrei-me desse provérbio quando soube que as autoridades israelenses estão armando uma milícia palestina em Gaza - como se já não houvesse armamento suficiente para causar um derramamento de sangue horrível - como parte de seus esforços para "eliminar" o Hamas. Por mais de um ano, ouvimos repetidamente do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu que Israel estava "a um passo da vitória" nesse esforço. Isso provou ser mais um caso de ilusão do que de realidade.

Netanyahu agora reconheceu publicamente que Israel está armando o que chama de "clã" que opera na área de Rafah e é liderado por Yasser Abu Shabab que, de acordo com o Conselho Europeu de Relações Exteriores, é um líder de gangue amplamente acusado de saquear caminhões de ajuda, foi preso pelo Hamas por contrabando de drogas. e "tem supostos laços" com o Daesh. Não é o cara comum com quem você gostaria de se misturar, então. Seu grupo consiste em algo entre 100 e 250 homens armados e está em algum lugar entre uma milícia e uma gangue criminosa - provavelmente ambos. Encontrar um aliado em tempos de conflito é ganhar um trunfo, e dividir para governar é outra táctica de guerra conhecida desde o início da história. Mas se os aliados não forem selecionados com cuidado, as consequências não intencionais de longo prazo podem ser piores do que os supostos benefícios imediatos. A União Soviética dificilmente era amiga do Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, mas a decisão dos EUA de armar os mujahideen quando os russos invadiram o Afeganistão voltou para assombrar Washington, por exemplo.

Da mesma forma, o apoio de Israel ao Hamas em seus primeiros dias, como um contraponto ao Fatah, e continuando a fazê-lo até que as consequências desastrosas disso se manifestassem em 7 de outubro de 2023, foi um acto de pura automutilação. Por que eles agora repetiriam esse erro com uma loucura semelhante é incompreensível. Netanyahu não escondeu suas verdadeiras intenções quando questionado sobre armar o grupo do Abu Shabab. Ele disse: "Mobilizamos clãs em Gaza que se opõem ao Hamas. O que há de errado com isso?" A resposta à sua pergunta é: por onde começamos? A interpretação de Netanyahu de "o inimigo do meu inimigo é meu amigo" revela ignorância e uma extrema falta de julgamento, possivelmente sinais de desespero e o ar de uma abordagem colonialista. Ele está confundindo o conceito de clã com o que é simplesmente um bando de criminosos, equiparando erroneamente o último a líderes locais legítimos que representam os melhores interesses de seu povo - alianças que têm sido um método de manter o controle que as forças de ocupação empregam há séculos. Mas forjar uma aliança com líderes locais legítimos é muito diferente de estar em conluio com aqueles que há meses são acusados por palestinos e organizações humanitárias internacionais de saquear caminhões de ajuda e lucrar com a miséria de seu próprio povo.

Em sua incapacidade de atingir o objectivo irrealista de eliminar o Hamas, as autoridades israelenses estão apresentando ideias que estão desconectadas da realidade. Nesse caso, eles estão procurando aliados que parecem desinteressados em ajudar a cumprir as aspirações nacionais do povo palestino e, em vez disso, estão mais interessados em enriquecer e, possivelmente, ganhar poder político.

É óbvio por que Israel se opõe ao Hamas permanecer no controle de Gaza. Mas a organização disse - embora a alegação ainda não tenha sido testada - que está preparada para entregar a governança do território a qualquer organização palestina que seja acordada nacional e regionalmente. No entanto, insiste que não se dissolverá e, portanto, é necessária uma fórmula para garantir que a organização não represente uma ameaça à segurança israelense ou à unidade palestina. Netanyahu também rejeita o governo da Autoridade Palestina pós-guerra em Gaza, tendo declarado este ano que "no dia seguinte à guerra em Gaza, nem o Hamas nem a Autoridade Palestina estarão lá". Essa abordagem levanta a suspeita de que, ao apoiar milícias armadas, Israel está deliberadamente se tornando um agente do caos cujo objectivo não é necessariamente derrotar o Hamas, mas prolongar a guerra indefinidamente, ajudando assim a garantir que o governo de Netanyahu permaneça no poder, pelo menos até as eleições gerais do próximo ano. Nas últimas semanas, assistimos a manifestações de oposição popular espontânea ao Hamas, apesar de uma repressão brutal a essa dissidência por parte da organização, com centenas de manifestantes a pedirem a sua expulsão e o fim da guerra. Considerando a catástrofe humanitária em Gaza – recentemente descrita durante uma entrevista à BBC pela presidente do Comitê

Internacional da Cruz Vermelha, Mirjana Spoljaric, como "pior do que o inferno na Terra" – é de se esperar que os moradores comuns de Gaza, que há quase dois anos enfrentam uma situação tão infernal, descarreguem sua raiva contra Israel e o Hamas. Mas o envolvimento de Israel com clãs e milícias, e até gangues, não tem nada a ver com a tentativa de aliviar o sofrimento dos 2,3 milhões de habitantes de Gaza; trata-se de criar uma força para combater o Hamas e minar a posição da Autoridade Palestiniana e também da Organização para a Libertação da Palestina como representante legítimo do povo palestiniano.

Enquanto alguns clãs em Gaza foram abordados no ano passado com o objectivo de criar uma oposição ao Hamas, a gangue Abu Shabab não é considerada um clã, mas se autodenomina, de acordo com relatos da imprensa, um "serviço antiterror", sem objectivos claros ou indicação de quem serve. Se este for realmente o caso, Israel está criando um monstro que levará muito tempo para ser contido quando for solto, como vimos em situações semelhantes no Iraque, Síria e Líbano. E isso representará uma ameaça, em primeiro lugar, para o próprio Israel. Quando os países embarcam em experimentos arriscados desse tipo com actores não estatais, eles brincam com a ideia de que sempre serão capazes de controlá-los e até mesmo desarmá-los quando tiverem sobrevivido à sua utilidade. A história nos mostra que, em muitos casos, esses grupos desenvolvem seus próprios conjuntos de interesses e fluxos de receita, sem mencionar coalizões com grupos armados com ideias semelhantes, às vezes até mesmo aqueles que inicialmente deveriam conter. Enquanto isso, o país que inicialmente os patrocinou tende a perder o controle deles.

Pior ainda para Israel, uma vez que Abu Shabab é retratado nas redes sociais em Gaza como "o agente israelense" – em outras palavras, um traidor, que no meio de uma guerra amarga é tão bom quanto colocar uma recompensa por sua cabeça – ele tem um incentivo para eventualmente unir forças com o Hamas, ou simplesmente se voltar contra Israel usando as armas que colocou em suas mãos. Este pode ser o momento certo para o governo Netanyahu reconhecer que existem maneiras melhores de minar o extremismo e o fundamentalismo do que encorajar a guerra civil. Nesse caso, eles começam com o fim da matança de civis inocentes, permitindo que a ajuda humanitária chegue àqueles que precisam desesperadamente dela e, em seguida, reconhecendo o direito do povo palestino à autodeterminação. Valeria a pena verificar esse caminho alternativo no lugar daquele em que Israel está.

Yossi Mekelberg, é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA da Chatham House. X: @YMekelberg

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**